



# QUIMIO TERAPIA e BELEZA

FLÁVIA FLORES



*Dicas de uma  
ex-modelo para  
superar o câncer  
e manter a saúde,  
a sensualidade e o  
alto astral*



## PREFÁCIO

*Gilberto Dimenstein*

# FLORES HUMANAS

Há pessoas que transformam uma dor individual numa solução coletiva.

São flores raras no deserto humano.

Flávia Flores é um desses casos: o drama de um câncer serviu para que ela ajudasse a disseminar beleza. Literalmente.

Ela podia ter se enclacrado, como a maioria das pessoas, em sua dor, vivendo – ou sobrevivendo – na solidão.

Preferiu ajudar as pessoas a lidarem melhor com a doença, ensinando-as a usar a arma da beleza para enfrentar os efeitos dos tratamentos.

É um roteiro de delicadezas que faria Flávia uma personagem inusitada em qualquer parte do mundo.

Quando ouvi pela primeira vez sobre seu trabalho, fiquei pensando não só na quimioterapia. Mas na química humana.

Como alguém desenvolveu tamanha resiliência a ponto de transformar um risco de morte em vida?

Vida para ela e para gente desconhecida, da qual ela se tornou, embora distante, tão próxima.

Afinal, essa é a força da compaixão: fazer do distante algo próximo.

Fiquei profundamente interessado não só pelo que via, mas pelo que não vi: a construção do ser humano.

Suas alegrias, frustrações, lembranças, laços familiares, aprendizagens, para tentar entender o contexto em que nascem e prosperam atitudes.

A leitura deste livro, quase um diário, mostra as descobertas encantadas no mundo.

Lemos como se fosse o relato de um parente ou amigo querido. Ficamos cúmplices de uma história de vida.

Ficamos, aliás, cúmplices de nós mesmos, ao descobrir nossas flores humanas.



## APRESENTAÇÃO

Querida Flavinha!

Há alguns dias atendi a uma paciente com câncer de mama recém-diagnosticado. Durante toda aquela conversa que você já conhece (risos), ela levantou os olhos e me disse que se sentia forte e preparada. Disse que havia uma moça linda, que estava em tratamento, que havia sido diversas vezes entrevistada, e que dizia coisas tão legais que muito a inspiraram.

Na hora não entendi, mas depois vieram outras, e, por fim, aquela corrente de pessoas que a haviam visto na tevê e teciam comentários cada vez mais intrigantes...

Qual não foi minha surpresa quando a primeira paciente me trouxe, hoje, seu nome e pediu para que eu desse uma olhadinha em seu trabalho. Na hora não acreditei. Tive um pouco de vergonha desta minha vida, na qual tanto se trabalha que se esquece de olhar ali, logo ao lado. Fiquei quietinha e esperei que ela saísse para abrir a página da senhorita Flávia Flores e ver o que essa mocinha estava aprontando!!!

Você é inacreditável. Não imaginava que por trás de tanta beleza poderia haver tanta beleza! Coisa mais linda de se ver!

Gostaria que você soubesse que seu objetivo de levar o bem para perto daqueles que estão passando por momentos tão difíceis está sendo mais que bem-sucedido. Tem feito

FLÁVIA FLORES

um bem danado para todas, e me sinto profundamente emocionada com todo seu talento. Com toda sua beleza! Com toda sua bondade e toda essa disposição para mostrar a todas as pessoas que existe muito a se aprender na adversidade...

Parabéns! Você é muito especial!

Adorei tudo que fez, e vou dizer à mulherada que fique de olho em você.

Beijo, e continue firme por aí!

Dra. Adriana Magalhães Freitas



## PESSOAS MUITO ESPECIAIS

Muitas pessoas deixaram de falar comigo depois de meu diagnóstico; até hoje não falam, não sei por quê... Fazer o quê? Mas a quantidade de pessoas especiais que apareceram em minha vida, que acreditaram em meu projeto, que surgiu sem a menor pretensão de ser esse sucesso que é hoje, é enorme.

Queria agradecer, em primeiro lugar, a minha mãe, que me patrocinou até agora. Meu pai, meu filho, minha avó – que me acolheu em sua casa –, a toda minha família e as minhas melhores amigas, que me deram muito amor.

Quero mandar um beijão para Gigi Werneck, que também é paciente de câncer e me ajudou muito trocando ideias comigo sobre o conteúdo do texto, muito porque ela, como eu, está lutando contra o mesmo inimigo.

A Daniel Tupinambá, um diretor supertalentoso, que teve a ideia de fazer meu material audiovisual, que foi um sucesso! Procurem no YouTube por Quimioterapia e Beleza; os vídeos mais lindos foi ele quem produziu – os outros filmei eu mesma, pelo celular.

A Clica e Wlad, artistas maravilhosos que se dispõem sempre a tirar novas fotos, a se jogar na piscina comigo para fazer

fotos embaixo d'água; editam, divulgam e são megatalentosos! No Instagram, procurem @clicavoigt e @Wald.

A Sara Roberta, uma mulher incrível que por amor à causa resolveu me ajudar no projeto como um todo. Ela desenvolve os projetos, põe em prática todos os meus sonhos, e, quando necessário, até briga comigo. Temos uma relação Pink e Cérebro – eu sou a Pink, no caso. E acordamos todos os dias com uma missão: tentar conquistar o mundo!

A Aline Félix, a pessoa mais zen que conheço. Ela veio me procurar, disse que queria muito me ajudar! Várias pessoas se ofereceram, mas ninguém segura o rojão; ela sim! É minha assessora de imprensa, jornalista, revisa meus textos, dá ideias e uma risada muito gostosa!

Quando eu ainda sabia muito pouco sobre maquiagem, acabei recorrendo a meus amigos maquiadores, que me maquiaram, participaram, gravaram e me tiraram várias dúvidas. A Renato Reyes, meu amigo querido, paciente, talentoso e lindo! E a minha nova amiga Fabi Silvy, de Floripa, que sempre está disposta a ajudar e a ensinar!



## PRÓLOGO

Eu ainda sofria com as dores da cirurgia plástica. O corpo estava inchado, as marcas salientes dos pontos cruzavam desordenadamente o meu tórax, sentia-me como se tivesse sido atropelada.

Mas naquele 4 de outubro de 2012, uma quarta-feira, apesar das dores, eu me sentia tão radiante como a tarde ensolarada de Florianópolis que entrava pela janela do carro.

Sentada no banco de passageiro, minha mãe ao volante, eu apreciava a paisagem marítima da avenida Beira-Mar.

O corpo doía, apenas um suspiro me alterava, mas a vaidade celebrava, combinava com o cenário. Há dez dias eu, que sempre fui muito vaidosa, tinha implantado seios novos. Raras vezes estive tão feliz com meu corpo.

Meu médico havia me chamado no consultório para falar do carocinho que tinha sido retirado no ato da cirurgia, e pelo semblante de minha mãe eu senti dentro de mim uma sensação tão ruim de perda e vazio – alguma coisa estava muito errada ali.



Não podia imaginar que, naquele instante, o carro me conduzia para o caminho mais difícil – tão difícil que levaria meus seios para tentar salvar minha vida.

Não podia muito menos imaginar que o tumor me levaria a um caminho ainda mais inesperado.

Minha descoberta de uma beleza mais profunda e verdadeira do que aquele pedaço de silicone.

Resolvi escrever este livro para tentar descobrir-me e saber de onde tirei a força para manter o sorriso apesar das bombas químicas que brigavam em meu corpo durante o tratamento de câncer.

Decidi tornar-me parte dessa química, ajudando gente que nunca vi a encontrar beleza e um novo começo onde quase todo mundo vê fim e feiura.

Vivendo entre a vida e a morte, tantas lembranças vieram à tona e refleti sobre toda a minha vida.

Este livro é uma mistura de várias coisas. Um diário cheio de lembranças, emoções, dores, medos; mas também é um manual de sobrevivência para pacientes, seus amigos e familiares.



## MINHA INFÂNCIA

Tive uma infância privilegiada, cercada por uma família grande: meu pai é um dentre catorze irmãos e tem ascendência argentina. São amorosos, falam muito. Nós nos reuníamos em todas as férias na fazenda de minha vovó Balbina, que morreu há poucos anos, já fazendo hora extra na Terra, aos 104 anos de idade. E era aquela confusão. O lugar era tão ermo que nem tinha luz elétrica; consequentemente, não tinha tevê, liquidificador, geladeira, e brincávamos no açude, montados em cavalos, vestidos de super-heróis. Meus primos aprontavam todas, e confeccionávamos saias com folhas de cinamomo.





*Tudo que eu ganhava era vermelho:  
motoquinha, roupas e brinquedos.  
Nasci "colorado" em 1977*



*Com meu pai na fazenda,  
1980*

A família de minha mãe era menor, tinha apenas dois irmãos. Família tradicional alemã; seus pais, Kertha e Marcílio, vieram para Florianópolis assim que eu nasci, para cuidar de mim.

Fui muito esperada. Depois de sete anos de casados e tentando engravidar, finalmente nasci. Minha mãe estava tão nervosa que os médicos lhe injetaram uma dose de Valium na veia, com o intuito de acalmá-la. Mas ela continuava tensa, com medo de perder mais um bebê. Acabou que, quando nasci, não chorei, não mamei, e os médicos acharam que eu tinha algum problema no coração ou na cabeça. Mas não era nada disso... Eu nasci mesmo chapada!

Depois de mim veio o Thiago. Ele era uma criança muito bonita e eu me achava um bicho de tão feia! Por isso judiava dele. Joguei-o do sofá e ele quebrou o braço; bati

seu rosto na parede e ele quebrou um dente; fiz com que engolissem bolinhas de gude. Quebrou também as pernas, outro braço, parecia que aquele menino era de vidro. Quebrava-se facilmente, coitadinho. Ou eu era muito forte...

Eu sempre reclamava dele para meu pai: “– Paaaai, Thiago me chateou, escondeu minha boneca, ele é chato, pentelho, está comendo meleeeecaaaaaa”.

Um dia, meu pai foi conversar comigo e disse assim: “Thiago é mesmo um chato, não é? Vamos dá-lo a outra família para que cuide dele e não a perturbe mais!”.

Nossa, como meu coração se apertou! Eu não queria ficar sem meu irmão; estava arrependida, e por uma semana não tirei os olhos dele, pensando mesmo que meu pai ia dá-lo a outra pessoa.

Como as empregadas domésticas surtavam comigo e com meu irmão dentro de casa aterrorizando, algumas vezes fomos abandonados sozinhos durante a tarde. Elas nem ligavam para minha mãe para avisar que estavam indo embora; apenas saíam porta



*Eu e Thiago. Ele vestindo seu pijama,  
e eu, a roupa de bailarina de  
minha madrinha.  
Repare na rosa no pescoço, o batom e  
o amor. 1982*



afora e nunca mais voltavam. Então, muitas vezes nós íamos trabalhar com minha mãe, pois ela não tinha com quem nos deixar. Ou íamos para a casa de meus avós. Lá, eu sempre arrumava retalhos e desenhava “modelitos” para ela costurar para mim e para minhas Barbies; destruía as plantinhas para fazer “comidinhas” em meu pequeno fogão de barro, enquanto meu irmão tratava de desmontar seus brinquedos e construía outras engenhocas com as peças desses carrinhos ou barquinhos. Eles sempre viravam pequenos ventiladores e outras coisas motorizadas.

Eu via meu pai sempre muito alegre, bonito, popular entre os amigos, fazendo piadinhas, bebendo e fumando. Era um *bon vivant*. Ele sim era uma pessoa divertida, em quem eu me espelhava para que, no futuro, pudesse ser como ele e me divertir como ele.

Eu via sempre minha mãe atrapalhada, tendo que tirar as crianças da cama, sendo econômica, dura, passando maus bocados por causa das empregadas que nos abandonavam, fazendo deveres conosco, gritando e educando. E eu pensava: isso eu não quero para minha vida, não. Prefiro ser como meu pai, que deixa tudo, não se estressa, só aparece

nos fins de semana em casa, por causa do trabalho. E era só alegria comigo e com meu irmão.

Hoje sei que não era bem assim e que fui injusta com minha mãe, pensando que ela era a malvada da história. Ela fez tudo muito perfeito. Levava-me na marra à igreja aos domingos de manhã enquanto meu pai via programas de tradição gaúcha em casa, na cama, até que voltássemos.

Depois de adulta percebi tudo. Vi o que era certo e o que era errado. Peguei o melhor de meu pai e o melhor de minha mãe e me transformei no que sou hoje. Sou divertida e responsável, tenho um bom coração e não sou consumista. Sou carinhosa e focada, uma junção de meu pai e de minha mãe.

Quando eu tinha doze anos meus pais se separaram, e eu não aceitei numa boa. Fiquei muito revoltada, quis chamar a atenção e acabei fazendo algumas besteiras. Uma delas foi arrumar um namorado sete anos mais velho. Eu estava na oitava série de um colégio de freiras e ele fazia cursinho no mesmo período. Como ele não queria trocar figurinhas e pular amarelinha comigo, acabei engravidando antes do primeiro ano do ensino médio, justamente no carnaval. Tínhamos oito meses de namoro, e eu tinha apenas catorze anos.

Minha mãe, como estava sempre em casa, percebeu que eu acordava vomitando verde, e foi me perguntar se eu não estava grávida. Eu só dava patadas nela e não queria saber de papo, mas aquilo me intrigou. Comprei um teste de farmácia. Deu positivo.

Eu não sabia como contar a minha mãe, a minhas amigas, que eram todas virgens. E o que meu pai ia achar disso? O que ia acontecer agora? Fiquei apavorada.

Sozinha, fui procurar uma médica e comecei a fazer o pré-natal. Então, mostrei o exame para minha mãe, que, como uma boa alemã, não surtou. Sentou-se comigo e expôs as saídas: “Você pode casar. Você pode abortar. Ou pode dar seu filho quando ele nascer”.

Minha mãe tinha uma amiga que sonhava em ser mãe, mas nunca teve oportunidade.

Chorei, mas chorei muuuuitooooo! Como eu não sabia nem como fazer sexo e o pai de meu filho havia dito que eu devia confiar nele, também não sabia o que era um aborto. Meu pai, que estava em Curitiba, em tempo recorde chegou a Florianópolis – em duas horas – todo apavorado, chocado. Disse que eu devia assumir meus atos e que teria esse bebê.

Foi a melhor opção. Seis meses depois, a namorada de meu pai, Cynthia, engravidou, e Vicente, meu meio-irmão, nasceu. Imagine como seria olhar para Vicente e imaginar que meu filho poderia estar brincando com ele. Seria muito difícil, e talvez eu houvesse feito besteiras maiores e tivesse um trágico fim; muito nova, o desespero e a culpa me acompanhariam para sempre.

Durante minha gravidez perdi todas as minhas amigas de infância, pois suas mães as proibiram de falar comigo. Eu era uma má influência. Mas eu não era uma garota que chamava atenção, atirada, e sim uma menina sem informação que nunca havia comentado com as amigas sobre sexo por vergonha. E estava naquele momento abandonada por todos. Menos por minha família e pela Irmã Norma, diretora do meu colégio, que recebeu a notícia de braços abertos e até ofereceu uma bolsa para o meu pequeno até eu terminar os estudos.



Eu tinha uma amiga que não me criticou, nem sua família. Ela me acompanhava nos intervalos e me fazia companhia caminhando até a Secretaria da Educação, onde minha mãe trabalhou por muitos anos; ela discutia com as pessoas que falavam mal de mim. Juliana me defendia. Só que no dia 4 de outubro ela morreu num trágico acidente de

carro. E eu sofri e me vi mais uma vez sozinha.

Depois da morte de Juliana não consegui mais ir ao colégio. As outras crianças me olhavam com pena, pois a grávida havia perdido sua fiel escudeira. Comecei a fazer os trabalhos de casa para não perder o ano letivo, mas não adiantou. Reprovei.

Um mês após a morte de minha amiga, Gregório nasceu, com 4,54 kg e 54 cm, na maternidade Carlos Correia, em Florianópolis. Nesse dia, como a maternidade ficava perto de meu colégio, muita gente foi visitar Gregório no berçário e fazer bagunça nos corredores do hospital. Até aqueles que zombaram e falaram mal de mim pelos corredores foram – segundo minha mãe, parecia o intervalo, com tantos colegas uniformizados. Irmã Norma até os dispensou da última aula para que eles prestassem essa homenagem a mim.



FLÁVIA FLORES

A música que tocava quando deixei a maternidade era *November rain*, do Guns'n'Roses. Nossa música, minha e de meu pequeno anjo. Ele veio ao mundo para cuidar de mim, e tudo passou a fazer sentido em minha vida naquela hora, pela primeira vez.



*Com meu filho Gregório na casa da bisã, 1995*



*Na apresentação do colégio - vestido de Rei Leão, 1995*



*Na casa da bisã, 1999*